



Comunicações Orais

SESSÃO DE LITERATURA E ESTUDOS INTERDISCIPLINARES 1

18 de novembro de 2014 – 13h às 17h – Comunicações orais

Coordenadores: Rauer Ribeiro RODRIGUES (UFMS/CPAN)

Alcione dos SANTOS (UFMS/CPAN)

O TEXTO LITERÁRIO NO LIVRO DIDÁTICO, EM BUSCA DE INTEGRAÇÃO NA VIDA DO ALUNO DO ENSINO MÉDIO

Patrícia Henrique Vieira da Silva CARDOSO¹

Lucilo Antonio RODRIGUES²

RESUMO

Em uma perspectiva sobre o ensino de literatura nas escolas estaduais de ensino médio do Estado de Mato Grosso do Sul, Pereira (2013), em que o livro didático é aporte quase que único para o desenvolvimento das aulas, a fragmentação do texto literário é realidade quase que unânime no material didático oferecido aos professores de literatura, fator que motiva a reflexão deste estudo. Com base nos conceitos de letramento literário de Cosson (2006), e na função humanizadora da literatura de Candido, (1995), uma análise sobre a coletânea distribuída como material didático pela Secretária de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul (SED/MS) para o ensino de Língua Portuguesa - Literatura, da coleção **Português: contexto, interlocução e sentido**. Este estudo analisa como é tratado o texto literário neste manual, e se espera após análise uma possível proposta com aporte teórico metodológico de como se trabalhar o texto literário em sala de aula, fugindo da fragmentação e desconfiguração literária.

Palavras-chave: Livro didático. Literatura. Letramento.

1 INTRODUÇÃO

O ensino de literatura nas escolas é tema dos campos mais férteis dos estudos acadêmicos literários e muito se examinou a esse respeito. Este artigo retrata uma realidade em especial, do ensino de literatura em classes de ensino médio. Toma como

¹ Graduada em Letras (UFMS), mestranda em Letras (UEMS/UCG) e bolsista Capes. E-mail: patriciah.cardoso@hotmail.com

² Doutor em Letras (UNESP) e Professor adjunto da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade de Campo Grande/MS (UEMS/UCG). E-mail: luciloterterra@terra.com.br



base estudos desenvolvidos na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) em relatório científico apresentado à Chamada MCTI/CNPq, realizado pelo coordenador do grupo de pesquisa Professor Doutor Danglei de Castro Pereira, entre o segundo semestre de 2012 e nos quatro primeiros meses de 2013, em quatorze escolas de Campo Grande/MS. Tal pesquisa investiga e discute a importância na formação do leitor e de que maneira e quais textos literários aparecem nas escolas. Conforme a pesquisa citada acima se pode concluir que existe uma distância entre os alunos do ensino médio e os textos literários, entendendo que:

[...] A expansão da leitura é significativa na medida em que um número cada vez maior de leitores é apresentado a diferentes gêneros textuais. Por outro lado, no entanto a inferência de que a aproximação a outros gêneros textuais, incluindo, segundo dados da pesquisa, o acesso ao Livro Didático (LD) e a textos publicados em *blogs*, jornais e na *Internet* apresentam uma inferência em relação ao distanciamento dos leitores à obra literária propriamente dita. Entendemos mesmo com a compreensão de que mais de 70% dos entrevistados compreendem a importância do literário na formação do sujeito, percebe-se um progressivo distanciamento dos leitores deste gênero textual. (PEREIRA, 2013, p. 5).

Esse distanciamento entre se saber a importância do texto literário e o efetivo contato com esses textos é objeto de investigação. No ensino médio e segundo o Ministério da Educação e seus documentos orientadores da educação propõem o trabalho pedagógico orientado pelo estímulo ao protagonista juvenil, à experiência cidadã e à participação social, compreendendo essa etapa da escolarização como momentos marcados por perspectivas formativas e culturais que permitam aos jovens uma atuação na sociedade. Dessa forma, a fragmentação dos textos literários ou a simples alusão aos mesmos não contribui para a formação deste cidadão protagonista e atuante.

O mundo da leitura faz parte da vida de um indivíduo desde a infância até o fim de sua vida, pois somos confrontados com a leitura em todos os mecanismos, trabalho, informação, entretenimento e, sobretudo na educação, o mundo é feito de letras, compreendemos o mundo através das letras. A falta de leitura é considerada negativa em nossa sociedade. No inconsciente imaginário coletivo a leitura tem uma imagem positiva, imagem ligada ao prazer, à felicidade, à construção do conhecimento, e saber: conhecer é sempre positivo. Em que lugar da longa caminhada em direção ao conhecimento se perde esse prazer? A leitura é prazerosa na infância? As obras do



cânone literário são interessantes?

A instituição escolar é onde se deve, mesmo que não exclusivamente, desenvolver os processos de leitura; e o letramento literário é de suma importância para que o indivíduo possa tomar posse, sobretudo dos processamentos sociocognitivos da leitura, discutindo questões importantes como a decodificação, interpretação, construção de sentido de um texto. A falta de continuidade no processo de desenvolvimento do letramento literário é o que dificulta, e muitas vezes impossibilita o trabalho em sala de aula com textos do cânone literário. Essa dificuldade é acentuada pela maneira como o texto literário é apresentado e desenvolvido no livro didático, livro esse que é a primeira janela do educando para o encontro com o texto literário, encontro esse ocorrido no primeiro ano do ensino médio.

Nos livros didáticos utilizados no ensino médio o texto literário é apresentado de forma problemática e não satisfatória. Marisa Lajolo (2000) em **Do mundo da leitura para a leitura do mundo** apresenta discussões a esse respeito, assim como Rildo Cosson (2006) em seu manual **Letramento literário: teoria e prática**, desvelando e fundamentando a discussão a respeito das dificuldades e obstáculos do texto literário em sala de aula subsidiados pelos livros didáticos. Discutir o lugar que a literatura ocupa em nossa sociedade e por que a consideramos relevante é uma reflexão básica para quem trabalha com leitura literária. Para Rildo Cosson:

A experiência literária não só nos permite saber da vida por meio da experiência do outro, como também vivenciar essa experiência. Ou seja, a ficção feita palavra na narrativa e a palavra feita matéria na poesia são processos formativos tanto da linguagem quanto do leitor e do escritor. Uma e outra permitem que se diga o que não sabemos expressar e dizer a nós mesmos. É por possuir essa função maior de tornar o mundo compreensível transformando sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas que a literatura tem e precisa manter um lugar especial nas escolas. (COSSON, 2006, p. 17).

2 DESENVOLVIMENTO

A coletânea indicada pelo Ministério da Educação e adotada pela Secretária de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul (SED/MS), **Português: contexto, interlocução e sentido** (2014), da Editora Moderna, é composta de três volumes e organiza-se a partir dos eixos “Literatura”, “Gramática” e “Produção de texto”, que aparecem bem delimitados na obra. Verifica-se a tendência de a matéria constante em

cada uma das partes ser organizada nos moldes do compêndio.

O ensino de literatura é subsidiado pela opção de se tratar a literatura como um discurso, o que implica situá-la em um contexto sócio- histórico, político e cultural, considerando seus agentes, tomando como linguagem que manifesta a produção artística de determinada época, em diálogo com outras formas de arte. Apresenta-se na obra a experiência de leitura do texto literário fragmentado a informações sobre a história literária, estilos de época, gêneros e autores. Segundo análise do próprio **Guia de livros didáticos, PNLD 2015**, quadro esquemático:

Quadro Esquemático

Pontos fortes	A perspectiva discursiva em que os diversos eixos são tratados. A absoluta correção e atualização dos princípios teóricos que embasam o trabalho com todos os eixos de ensino.
Pontos fracos	A fragmentação de inúmeros textos literários da coleção
Destaque	O destaque dado ao trabalho com atividades propostas em todos os eixos
Programação do ensino	Duas ou três unidades por bimestre, conforme o volume.
Manual do Professor	Suporte teórico e metodológico para uso da coleção.

Fonte: BRASIL, 2014, p. 29.

Podemos observar dessa maneira que o próprio guia disponibilizado pelo Ministério da Educação para auxílio na escolha do livro didático observa a deficiência em relação ao texto literário em seu aporte. Prejudicando dessa forma a formação do leitor literário na escola e seus mecanismos de letramento.

A partir desse prisma não se pode desconsiderar a importância da presença da literatura na formação do ser humano enquanto cidadão, mas é conveniente afirmar que a formação do leitor parte também da possibilidade e da vivência que a criança tem com o mundo da leitura mesmo antes de ingressar na escola. Essa vivência deve ser estimulada e apresentada pela família e a criança deve ter contato com a leitura mesmo que não seja alfabetizada. A importância de ouvir histórias na formação da criança, pois escutá-las é o primeiro passo para a formação de um leitor. Ser um leitor não é simplesmente ter o hábito de ler, conforme Fanny Abramovich (1989, p. 16), é dessa maneira que a família pode estimular a leitura desde a infância, possibilitando um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão de mundo. A criança deve ser apresentada ao texto primeiramente de forma oral. Ouvir histórias desperta



uma espiral de emoções importantes como: medo, raiva, tristeza, irritação, bem estar, e através das histórias podem-se descobrir outros lugares. Ainda para reafirmar o quanto é importante ouvir, ler, contar história, Abramovich (1997, p. 17) diz que é “[...] através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica [...]”.

A escola não deve omitir-se nesse processo de formação do leitor literário, se a oportunização do prazer pela leitura não foi desenvolvida na primeira infância a escola deve trabalhar para que a literatura cumpra seu papel humanizador (CANDIDO, 1995), buscando uma maneira de ensinar em que a leitura literária seja exercida sem o abandono do prazer, mas com o compromisso de conhecimento que todo saber exige.

A prática de leitura do texto literário que deve ser desenvolvida pela escola e fundamentada pelo letramento literário, o qual Rildo Cosson (2006, p. 11) define como, “[tratar-se] não da aquisição da habilidade de ler e escrever, como concebemos usualmente a alfabetização, mas sim da apropriação da escrita e das práticas sociais que estão a elas relacionadas”. Letramento que implica na existência de vários tipos de letramento, já que se trata de uma prática social, um indivíduo pode ser analfabeto e fazer parte mesmo assim de algum modo de letramento, da mesma maneira que um indivíduo pode ter um grau sofisticado de letramento em uma área e superficialidade em outra área.

A literatura é ferramenta e alicerce para o desenvolvimento e formação do ser humano, mas na escola a literatura parece tomar outros caminhos, distantes do seu papel humanizador, da arte, da beleza. Para Candido (1995, p. 256): “A literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza”.

No ensino fundamental a literatura é concebida de forma tão genérica que engloba qualquer texto escrito relacionado à ficção ou à poesia, faz parte da disciplina Língua Portuguesa, na qual, geralmente, é trabalhada nas aulas de leitura. No Ensino Médio das escolas brasileiras, com duas aulas semanais, focaliza-se uma cronologia de estilos de época, bem como dados biográficos de autores, em que os textos literários, quando apresentados, em fragmentos, servem, sobretudo, para comprovar características dos períodos literários em estudo, figurando no encaminhamento mais tradicional da literatura, como exemplifica Lajolo,



[...] a inscrição do texto (literário) na época de sua produção, uma vez que textos assim contextualizados nos dão acesso a uma historicidade muito concreta e encarnada, à qual se cola a obra de arte à revelia ou não das intenções do autor; outro caminho, a inscrição, no texto, do conjunto dos principais juízos críticos que sobre ele foram acumulando, fundamentalmente para fazer o aluno vivenciar a complexidade a instituição literária que não se compõe exclusivamente de textos literários [...] (LAJOLO, 2000, p. 16).

É necessário mudar os rumos desse tipo de escolarização, rompendo o círculo da reprodução ou da permissividade, para que a literatura cumpra seu papel humanizador, buscando uma maneira de ensinar mediante a qual a leitura literária, jogando por terra a crença de que literatura não se ensina, que a simples leitura das obras é o suficiente.

[...] se quisermos formar leitores capazes de experienciar toda a força humanizadora da literatura, não basta apenas ler. Até porque, ao contrário do que acreditam os defensores da leitura simples, não existe tal coisa. Lemos da maneira como nos foi ensinado e a nossa capacidade de leitura depende, em grande parte, desse modo de ensinar, daquilo que nossa sociedade acredita ser objeto de leitura e assim por diante. A leitura simples é apenas a forma mais determinada de leitura, porque esconde sob a aparência de simplicidade todas as implicações contidas no ato de ler e de ser letrado. É justamente para ir além da simples leitura que o letramento literário é fundamental no processo educativo.

Na escola, a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do hábito da leitura ou porque seja prazerosa, mas sim, e sobretudo, porque nos fornece, como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito linguagem. (COSSON, 2006, p. 29).

O direcionamento dessa relevante questão ajusta-se na eleição de textos literários e da reflexão da formação do gosto pessoal do leitor. É evidente que essa seleção de textos literários é problematizada pelos currículos, parâmetros e pelo livro didático que o professor utiliza como base para suas aulas, já que as aulas de literatura estão a cada dia mais suprimidas e oprimidas das grades curriculares, e o tempo é inimigo da liberdade de escolha do professor. Conforme Marisa Lajolo (2000) o papel de planejar as aulas de literatura foi deliberado às editoras de livros didáticos, inviabilizando o contato direto com textos literários em sua íntegra no âmbito escolar, e consecutivamente essa distância estende-se à vida do alunado, já que em sua maioria o único contato com o mundo da leitura para os discentes é presença do material didático.

Material esse que pode e deve ser matéria de reflexão. A leitura dentro da sala de aula, subsidiada por textos dos livros didáticos não despertam nos alunos interesse e tão



pouco condições para a formação de um leitor crítico que possa fazer valer sua participação plena numa sociedade letrada. Esse desinteresse pode ser motivado pela distância entre a realidade do aluno e a realidade contextualizada do texto literário apresentado, o livro didático, salvo exceções, utiliza-se de fragmentos de obras literárias ou textos descontextualizados para a abordagem de tópicos gramaticais. Além disso, em livros de literatura para o ensino médio os textos literários são rasamente estudados, com análises superficiais, respostas prontas ou pretexto para a historicidade de período do qual pertence.

O papel do professor de literatura em sala de aula é tema infundável para relevantes discussões. A partir das hipóteses levantadas neste estudo pode-se dizer que o professor muitas vezes é vítima da falta de tempo hábil para trabalhar os textos literários e de outros fatores relacionados, o que pode acarretar um “engessamento” por parte do profissional com relação à sequência distribuída no material didático, ou mesmo uma ilusória sensação de segurança quanto à possibilidade de ser o gerador, administrador de seu material. Essa enganosa segurança pode-se explicar por ilimitadas variantes, inclusive de cunho pessoal.

Cosson (2006), vislumbrando a possibilidade do engessamento do professor ser fruto de um repertório deficitário, reitera que o profissional deve ter um repertório amplo de conhecimento, literário e de mundo. Já Marisa Lajolo (2000) diz que o professor de literatura tem por obrigação conhecer as obras do cânone, mesmo que não goste. O papel do professor de literatura é mediar o processo da leitura, proporcionando a formação de um leitor autônomo, Lajolo (2000). O processo de mediação da leitura é prejudicado se o professor não for um leitor, desta forma a segurança das repostas prontas às análises rasas, a amarração com a historicidade das escolas literárias: suas datas, características, autores etc.; os exercícios de interpretação de textos acabam convertendo-se em uma maneira segura de não perder o controle em sala de aula. Mesmo quando o aluno é estimulado a perceber as marcas discursivas do texto, o excesso de perguntas e exercícios que forçam uma interpretação predeterminada retiram do leitor a oportunidade de “sentir” e “compreender” o texto. Pior do que isso: não desenvolvem no aluno a necessária habilidade para perceber as marcas do texto os significados latentes e não permitem a compreensão da pluralidade de significados, que é uma das características essenciais do texto poético.



O livro didático concebe o ensino de literatura apoiado no tripé conceito de leitura-texto-exercício [...] o conceito de leitura e de literatura que a escola adota é de natureza pragmática, aquele só se justifica quando explicita uma finalidade - a de ser aplicado, investido, num efeito qualquer (ZILBERMAN, 1988, p. 111).

3 CONCLUSÃO

Provocar a inquietação no leitor, mediar o processo de leitura, motivar e desenvolver o pensamento crítico não é tarefa das mais simples e principalmente não é um processo rápido. Mas falar sobre uma tentativa, uma reflexão sobre o trato dos textos literários nas aulas de literatura é fundamental, a liberdade de se ler o texto pelo texto é algo que não é recorrente nas salas de aula, a beleza, a poesia, o prazer que a leitura pode proporcionar é algo impraticável em sala de aula. Vale resaltar que o papel do professor de Literatura é fundamental. Professor esse de formação literária, não só um professor formado em letras, mas sim aquele que efetivamente tenha escolhido por predileção lecionar Literatura. Já que a licenciatura em Letras possibilita ao profissional formado atuar como professor de Língua Portuguesa, Literatura e na atual grade curricular no estado do Mato Grosso do Sul, Produções Interativas (redação), e na necessidade de cumprir sua carga horária de 20 horas/aulas, ou mais, o professor muitas das vezes se vê obrigado a lecionar uma disciplina da qual não tem muita paixão. Outro ponto muito importante é o processo de escolha do livro didático. Visto que esse processo é de responsabilidade do professor atuante de cada escola. Subsidiados pelo Plano Nacional do Livro Didático (PNLD) oferecido pelo Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica e Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Esse processo de escolha também é dificultado quando o professor é limitado à escolha do livro didático para um triênio, exclusivamente indicado pelo Ministério da Educação no guia do PNLD. Essa escolha é dificultosa já que as obras indicadas, após um processo de análise realizado pelo próprio Ministério, contemplam a Língua Portuguesa e não a Literatura em suas obras e é de responsabilidade do professor e da escola, segue:

A avaliação das obras ocorreu durante o ano de 2013, [...] A próxima etapa – a escolha dos livros didáticos – é de responsabilidade dos professores e da escola. Assim como já ocorre desde a implantação do Programa, o Ministério da Educação coloca à disposição dos professores este Guia, como um material de apoio ao processo de escolha, por meio do qual são apresentados, nos volumes dedicados a cada um dos componentes curriculares, os princípios e critérios utilizados na avaliação, bem como a resenha de cada



obra aprovada. (BRASIL, 2015, p. 8).

O contato com textos literários nas escolas deve proporcionar ao aluno à possibilidade do prazer, da humanização, do desenvolvimento do ser humano crítico, a ampliação do horizonte do ser humano em formação. Vale ressaltar que fórmulas mágicas e receitas infalíveis não estão presentes no campo da literatura e que reflexões a esse respeito são inesgotáveis. E que o processo para que o texto literário em si esteja presente na sala de aula e na vida dos alunos, ainda existe um grande caminho a ser percorrido, caminho esse que se delineia a formação do professor de literatura, um livro didático especificamente de literatura, bibliotecas escolares com quantidade suficiente de obras literárias para os alunos e fundamentalmente a identificação pessoal do professor para a literatura.

EL TEXTO LITERARIO EN EL LIBRO DIDÁCTICO, UNA BUSCA DE INTEGRACIÓN EN LA VIDA DEL ALUMNO DE LA ENSEÑANZA MEDIA

RESUMEN

*En una perspectiva de la enseñanza de la literatura en las escuelas públicas de secundaria en el estado de Mato Grosso do Sul, Pereira (2013), en que el libro didáctico es casi la única contribución al desarrollo de las clases, la fragmentación del texto literario es la realidad casi unánime en los materiales didácticos que se ofrecen a los profesores de literatura, un factor que motiva la reflexión de este estudio. Con base en los conceptos de Cosson (2006) alfabetización literaria, y la función humanizadora de la literatura Candido (1995), un análisis de la colección como material didáctico distribuido por la Secretaría de Estado de Educación de Mato Grosso do Sul (SED/MS) para la enseñanza de la Lengua Portuguesa - Literatura, de la colección **Português: contexto, interlocução e sentido**. Este estudio analiza cómo se trata el texto literario en este manual, se espera después de analizar un posible marco teórico metodológica propuesta de cómo trabajar el texto literario en la clase, huyendo de la fragmentación y la falta de configuración literaria.*

Palabras clave: Libro didáctico. Literatura. Letramento.

REFERÊNCIAS

ABAURRE, M. L., ABAURRE, M. B, PONTARA, M. N. **Português: contexto, interlocução e sentido**. São Paulo: Moderna, 2013. v. 1.

ABAURRE, M. L., ABAURRE, M. B, PONTARA, M. N. **Português: contexto, interlocução e sentido**. São Paulo: Moderna, 2013. v. 2.

CARDOSO, P. H. V. da S.; RODRIGUES, L. A. O texto literário no livro didático, em busca de integração na vida do aluno do Ensino Médio. In: DORNELES, M. R. H.; FONSECA, J. Z. B. (Coords.). SIMPÓSIO NACIONAL DE LÍNGUAS E LITERATURAS, 1., 2014, Aquidauana; ENCONTRO NACIONAL DE LITERATURA E FILOSOFIA, 1., 2014, Aquidauana. **Anais eletrônicos...** Aquidauana: MCElestiné, 2015. p. 80-89.



ABAURRE, M. L., ABAURRE, M. B, PONTARA, M. N. **Português: contexto, interlocução e sentido.** São Paulo: Moderna, 2013. v. 3.

ABRAMOVICH, F. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices.** São Paulo: Scipione, 1989.

BRASIL. **Guia de livros didáticos: PNLD 2015, língua portuguesa, ensino médio.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2014.

CANDIDO, A. **Literatura e sociedade.** São Paulo: Cortez, 1976.

CANDIDO, A. "O direito à literatura". In: Candido, A. **Vários escritos.** 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática.** São Paulo: Contexto, 2006.

LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo.** São Paulo: Ática, 2000.

PEREIRA, D. C. **O ensino de literaturas em Língua Portuguesa em Campo Grande/MS.** MCTI/CNPq/MEC/CAPES n. 07/2011-2013.

PEREIRA, D. C. Questões sobre ensino de Literatura. **Revista InterteXto,** Uberaba, v. 6, n. 1, p. 1-23, 2013.

ZILBERMAN, R. **A leitura e o ensino da literatura.** São Paulo: Contexto, 1988.

Como referenciar este artigo científico:

CARDOSO, Patrícia Henrique Vieira da Silva, RODRIGUES, Lucilo Antonio. O texto literário no livro didático, em busca de integração na vida do aluno do Ensino Médio. In: DORNELES, Marcos Rogério Heck; FONSECA, Janaína Zaidan Bicalho (Coords.). SIMPÓSIO NACIONAL DE LÍNGUAS E LITERATURAS, 1., 2014, Aquidauana; ENCONTRO NACIONAL DE LITERATURA E FILOSOFIA, 1., 2014, Aquidauana. **Anais eletrônicos...** Aquidauana: MCElestiné, 2015. p. 80-89.